

DEVIR – MULHER EM GLÓRIA, UM DIÁLOGO

Júlia Maria Ferreira Leite¹

Resumo: Maria da Glória, protagonista da obra *Cacos para um vitral*, de Adélia Prado, revela a vida comum de uma mulher interiorana. A personagem se impõe no decorrer de cada história fragmentada que compõe o todo da obra, um quebra-cabeça literário onde Glória enfrenta seu cotidiano: casa, filhos, marido e luta contra as crises decorrentes da vertiginosa passagem do tempo, do envelhecimento e da morte, contra a sociedade e suas desigualdades, a religião, a educação e sua fragilidade. Neste trabalho, em um exercício metalinguístico, estabelece-se com o devir-mulher (DELEUZE, 1997, p. 11) de Glória, um diálogo que se pretende revelador de outro devir-mulher, paralelo. Vozes femininas se entrecortando, fluxos de pensamentos e de consciência (LOBO, 1984, p. 149), insights epifânicos (VASSALO, 1984, p. 155), reminiscências, memórias – voluntárias e involuntárias (DELEUZE, 2006, p. 54). Uma escrita intensa disparada pelo devir de duas mulheres em diálogo. Devires reveladores da minoria feminina, suas crises, lutas, amarras e voos.

Palavras chave: Mulher; devir; escrita.

Àqueles que lhe perguntam em que consiste a escrita, Virginia Wolf responde: quem é que vos fala em escrever? O escritor não fala disso, está preocupado com outra coisa.

O que é que há Glória? Mais uma vez às voltas com suas questões? Sexo, e sexo, e morte e sexo, e morte e Deus. Ai, ... Como você me cansa!...

Era um pequeno processo que se dava em seu corpo. Peraí, de que eu estou falando agora? Que processo? Que corpo? Que palavras serviriam? A alma é só o nome de algo no corpo, não é isso filósofo?

Refazendo... Algo acontecia em sua alma – a alma é um nome para algo no corpo – não, em sua alma não, na minha alma. Fiquei parada um tempo e olhei no espelho. Peraí de novo, em primeira pessoa vai dar problema. Tem que disfarçar a primeira pessoa, embuti-la, embuchá-la, massacrá-la na terceira, ou inventar orações sem sujeito, ou indeterminados, Credo! Voltar para a gramática, isso não. Prefiro ficar aqui e fazer outra coisa qualquer, acho que vou costurar um pouco.

¹ Mestre em Literatura brasileira pelo Centro de Ensino Superior – CES – JF. Secretária Executiva Bilíngue da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. E-mail: julia.ferreira@ufjf.edu.br.

Um dia, um perdido me disse que iria fazer um texto sem verbos (Achei muito engraçado aquilo!) Mas vamos lá, é muito pior do que isso, tem que acabar com a pessoa, não a primeira, a segunda ou a terceira, tem que deixar de ser eu. Perda do subjetivo e deixa vir deixa vir deixa vir o fluxo o fluxo o fluxo flui flui flui flui e frui a escrita.

Voltei Glória, onde é mesmo que estávamos? Bem, embora já saiba que não devo narrar recordações, insisto em minha teimosia de querer falar de algo que talvez seja uma viagem a algum momento do passado. O que pode ser chamado de recordação afinal se ao te contar uma história, a emoção me tomará como dantes? Adélia um dia me falou que um romance é feito das sobras. A poesia é o núcleo. Mas é preciso paciência com os retalhos, com os cacos [...] Retalho de poesia dá excelente prosa. Acho que é isso.

Glória, eu não sinto culpa, estava olhando no espelho, perdida entre mim e minha imagem que se refletia em algum lugar eterno. Ao fundo, alguém na cozinha batia portas e panelas me fazendo ter uma revolta profunda com toda a falta de cuidado. Senti, por várias vezes, ímpeto de estrangulamento. Glória sentiria pena, pensei. Talvez até fizesse uma oração, ela é tão piedosa! Por que eu não sinto compaixão? Esqueceram-se de me levar à igreja e me ensinar a sentir conceitos cristãos e agora eu fico aqui só com este desejo de estrangulamento me cortando.

Tudo isso era névoa, de fato eu ainda estava presa entre mim e a imagem de mim e queria ficar lá para sempre. Cortei a conexão piscando o olho, os olhos. Alguém chegou, muito pequeno, e começou a revirar as gavetas. Porque ela nunca se cansa disso? Mexe sempre nos mesmos lugares. Vou amarrar as portas com um cordão, aí eu quero ver. Que preguiça de sair daquele estado, levantar os braços e me mover para outro canto. Virei, o quarto limpo. Maravilha!!! Adoro quarto limpo.

*Não conseguiu continuar, parou os olhos desta vez no vidro da janela. Algo como uma mandala de luzes se refletia em um canto. Parecia algo único, sentiu-se privilegiada por estar sendo a única a ver aquele processo, ou fenômeno, ou magia, ou.... Um pequeno arco-íris na janela, exclusivo para ela. Ela merecia aquele mimo. Gostava de mimos, principalmente os exclusivos, pequenos arco-íris na janela, nova flor aberta no quintal, a grama podada direitinho, direitinho, diiiiireeeeeitinho, estalados infantis que se pretendem beijos e aquele cheirinho de água sanitária que fazia tudo parecer limpo. Meu Deus, cheirinho de água sanitária é histeria! Você também sabe disso Glória: uma sujeirinha é ótimo para parecer descolada. Enlouqueceu? Cê tá falando de quem, eu sou descolada, só tá limpo porque outra pessoa limpou, não fui eu não. Se dependesse de mim ficava sujo o mês inteiro. **Mas você não, né Glória?** Você mantém tudo em ordem, afinal o que podem pensar de você? Ai como eu te detesto! Esse ranço desta mulher antiga fazendo mal a todo o gênero. Você é uma vergonha para a espécie! Não se escreve com as neuroses. Cala a boca teórico, eu é que sei com que eu vou escrever! Mais um passo, meus mimos, minha vida esperando ardente fora do quarto. Como eu amo esse quarto, suas cores, cheiros, tem uma pintinha preta no teto, perto do lustre e só eu sei disso. Imperfeição puxando exclusividade. E a manchinha de mãozinha engordurada na parede que pode virar caras de monstros e de animais deformados dependendo da luz incidente. Aquelles monstros podem ser um tormento a depender da poluição na imaginação na noite solitária. É só virar pro outro lado que passa... e passa mesmo. E mais um passo. Talvez deva abrir a*

janela, ventilar um pouco. Lá vem neurose de novo. Vou deixar fechada só pra contrariar. Glória abriria, tenho certeza.

Entrou outra pessoa na sala. Circulou o ar, moveu a matéria, desequilibróu o devir da escrita. É impossível trabalhar aqui! Debruçou-se quase colando os olhos na tela, essa falta de postura faz mal à coluna e à beleza. Que mulher pode parecer bem com as costas arqueadas para frente? Ela fazia dietas esquisitíssimas, ideias do marido. Você precisa chupar limão todos os dias, é ótimo para limpar as tripas. Que horror, que palavra feia, Glória! Como você aguenta este homem? E tem que ser em jejum, pra fazer efeito! Depois veio aquela ideia de dormir sem travesseiro. É ótimo pra coluna. Você vai ver como sua postura vai melhorar. Não, não vou aceitar conselhos do marido de Glória. Isso já é demais! Não vou mesmo! Adoro meu travesseiro. Há essa altura, ainda no quarto, janela fechada, desperdiçando, por birra, o delicioso ar externo, pensou em voltar para cama. Que nada, a pequena criatura, anexo dela, estava pronta para um dia excitante lá fora. Ela entendeu, como todas as manhãs entendia desde que ele nascera. Glória lembrou que Filhos, melhor é tê-los e encanecer por esculpir suas renovadas formas. Concordo Glória, de verdade!

*A literatura é delírio. Onde está o delírio? **A literatura é delírio é delírio, delírio, delírio.** Onde está então? Olha pra mim, sou toda delírio e neuroses. Vai fazer o quê? Repartir-me e coar as partes que servem?*

Citações

a alma é um nome para algo no corpo (NIETZSCHE, 2011, p. 35)

“...um romance é feito das sobras. A poesia é o núcleo. Mas é preciso paciência com os retalhos, com os cacós [...] Retalho de poesia dá excelente prosa.” (PRADO, 2006, p. 102).

Não se escreve com as neuroses (DELEUZE, 1997, p. 13)

Filhos, melhor é tê-los e encanecer por esculpir suas renovadas formas (PRADO, 2006, p. 70)

A literatura é delírio (DELEUZE, 1997, p. 16)

Referências

PRADO, Adélia. *Cacos para um vitral*. São Paulo: Record, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra*. São Paulo: CIA das Letras, 2011.

LOBO, Luiza. A ficção impressionista e o fluxo de consciência. In: _____; VASSALO, Lígia (Org.). *A narrativa ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.